

tempo. Depois disso foi cidade Episcopal e teue seos bispos que foram Gelazio e Possidonio e Pontanio que assistiram em varios consilios que tras a Historia dos Arcebispos de Braga composta pello Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o mais trazem as estorias portuguezas.» (Tomo I, fl. 389.)

Sobre a verdadeira localizaçãõ de *Aeminio* pôde consultar-se um artigo de Borges de Figueiredo no Boletim da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, v, 67.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

À cêrca das antas

O Sr. P.^o J. J. da Rocha Espanca publicou em Villa-Viçosa, em 1894, um opusculo intitulado *Estudo sobre as antas e seus congeneres*, que foi objecto de uma critica do Sr. P.^o José Isidro Brenha, começada a publicar no n.^o 36 (16 de Maio de 1895), d-*A Vida Moderna*, do Porto, e continuada noutros numeros seguintes. O criticado respondeu, o critico treplicou, e aquelle tornou a voltar á questãõ, que actualmente ainda dura, e Deus sabe até quando durará!

Eu, por mim, achei-me tambem envolvido na polemica, e dei a lume no n.^o 25 (27 de Fevereiro de 1896) d-*A Vida Moderna* o seguinte artigo, que aqui reproduzo por lembrança:

«Tenho seguido com alguma curiosidade a questãõ em que os Srs. P.^o Espanca e P.^o Brenha andam empenhados neste jornal. Se venho entremetter-me nella, não é pelo desejo de polemica; mas, como o Sr. P.^o Brenha teve a amabilidade de me consultar á cêrca da signifiçaõ da palavra *anta*, e eu lhe apresentei ideias que o Sr. P.^o Espanca pretende refutar, julgo-me obrigado a defender o que escrevi.

Peço aos leitores que me considerem imparcial na questãõ, pois a ambos os contendedores me ligam relaçaõs de sympathia.

Quando, ha annos, estive pela primeira vez em Villa-Viçosa, o Sr. P.^o Espanca, a quem eu ia recommendado, tratou-me com toda a amabilidade, acompanhou-me na visita aos monumentos da villa, e deu-me quantos esclarecimentos lhe pedi. Eu vim com saudades dos momentos que passei com elle em convivio archeologico, e nunca me esquecerei de que, depois de termos percorrido a villa, ao luar,



o Sr. P.^o Espanca, a altas horas da noite, se sentou ao piano, e tocou e cantou, para eu ouvir, composições de sua lavra. Posteriormente tenho mantido com elle correspondencia epistolar, e devo-lhe a offerta de um interessante monumento epigraphico romano, e das suas uteis *Memorias de Villa-Viçosa*, bem como do opusculo sobre as *antas*.

O monumento epigraphico ficou pertencendo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, mas foi por minha intervenção, e a meu pedido, que elle o cedeu; por isso me constituo devedor do obsequio.

Ao Sr. P.^o Brenha devo tambem informações archeologicas, e a posse de um amuleto que me offereceu para a minha collecção ethnographica; alem d'isso, ainda o anno passado me fez o favor de me acompanhar na Povia de Varzim na visita a varios locaes que eu desejava visitar, e sobretudo merece o meu respeito pelo amor com que se dedica aos estudos archeologicos, dando a conhecer, em companhia do Sr. P.^o Raphael Rodrigues, as *antas trasmontanas*.

Vêem os leitores que, pelas circumstancias pessoases, tantas razões tenho para pender para o lado de um dos contendedores, como para o do outro. As circumstancias scientificas levam-me todavia para o lado do Sr. P.^o Brenha.

Espero que o Sr. P.^o Espanca não veja no que vou dizer, nem desaffecto, nem descortesia. Eu só pugno pela verdade. De mais a mais justificarei o que affirmar.

O Sr. P.^o Espanca sustenta, se bem tenho presente a sua argumentação, por quanto estou a escrever de memoria, ao correr da penna, sem poder dispor de tempo para citações:

- 1.^o Que as *antas* são monumentos historicos;
- 2.^o Que as *antas* são cabanas de pastores e de hortelãos, e não sepulturas;
- 3.^o Que a palavra *anta* vem do latim *antrum*.

I. Começarei pela última parte, e procurarei ser breve e claro.

Para asseverar que *anta* vem de *antrum*, lembra o Sr. P.^o Espanca o seguinte facto:—que o *r* cahiu, como em *umbella*, deminutivo de *umbra*, *castello*, deminutivo de *castrum*, e *libello*, deminutivo de *liber*;—e que o *o* de *antro* se mudou em *a*, como em *verba*, do plural de *verbum*, *sina*, do plural de *signum*, *loja*, do plural de *locus*.

Antes de mais nada devo notar que, visto que se recorre á Glottologia, ou sciencia da linguagem, se lhe hão de respeitar rigorosamente as leis; do contrario, anda-se sem methodo. Ora a Glottologia ensina que nenhum d'aquelles factos tem applicação ao caso presente. Quanto ao *o* mudado em *a*, não sei para que citar taes exemplos, se

o Sr. Espanca é o primeiro a notar que *verba*, *sina* e *loja* vem dos pluraes, que acabam em *a*. Se as palavras já em latim acabavam em *a*, para que fallar no *o*?

Os pluraes de certos nomes neutros foram considerados como femininos, pelo facto de acabarem em *a*, e nessa fôrma passaram do latim vulgar para as linguas romanicas. Isto succedeu com dois dos exemplos citados, *verba* e *sina*; a palavra *loja* é que nada tem com *loca*, pois é de origem germanica.

Ha muitas outras palavras formadas como *verba* e *sina*, por exemplo, *dívda*, *fada*, *pimenta*. O Sr. P.^o Espanca podia ter citado tambem *antra*, plural de *antrum*, na sua hypothese; comtudo era impossivel que *antra* desse *anta*, como vamos ver.

Os exemplos invocados para justificarem a queda do *r* são *umbella*, *castello* e *libello*. Nada d'isto se parece com *antrum* (ou *antra*) e *anta*. Segundo as leis da morphologia latina, *umbella* formou-se de *umbra*, através de **umberla*; *castellum*, de *castrum*, através de **casterlum*; *libellus* de *liber*, através de **liberlus*. Houve, pois, mudança de *r* em *l*, e não queda de *r*, — o que é muito diverso do que o Sr. Espanca suppõe que se deu em *anta*.

Era impossivel, digo eu, que *antra* desse *anta*, porque, não havendo outro *r* na palavra, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae. As seguintes palavras o provam: *astro*, *desastre*, *mostrar*, *mostrengo*, *entre*, *entrar*, *contra*, *ventre*, *centro*, *sempre*, *Dezembro*. Se em nenhum d'estes casos cae o *r*, por que motivo havia elle de cahir em *antrum*? Quando se apresentasse um phenomeno phonetico tão simples como este, devia haver outros parallellos. Não ha: logo o *r* naquellas condições não cae. Por isso é impossivel deduzir *anta* de *antrum*. Oppõe-se a isso o genio da lingua portuguesa.

Não sabe talvez o Sr. P.^o Espanca que existem outras palavras na nossa lingua no sentido de *dolmen*. D'ellas me occupo no volume I das minhas *Religiões da Lusitania*.

Para concluir, direi que a origem de *anta* é o latim *antae*, no singular *anta*, como perfeitamente diz Viterbo no seu *Elucidario*.

II. As *antas* são monumentos historicos, — diz o Sr. P.^o Espanca. Não são, dizem todos os archeologos. Isto prova-se directamente, porque o mobiliario que apparece ou predomina nas *antas* é *prehistorico*, pela maior parte *neolithico*.

Os textos dos antigos AA., em que o Sr. P.^o Espanca achou *antrum*, *spelunca*, etc., referem-se a *furnas*, etc., e não ás *antas*, que são monumentos architectonicos propriamente ditos.

III *As antas são cabanas, e não sepulturas*, — diz o Sr. P.^o Espanca.

Esta afirmação não é justa: — primeiro, porque muitas antas são demasiado pequenas para poderem servir de casas de vivos; — segundo, porque nas antas encontram-se restos humanos, ossos e dentes, cuja existencia allí só pôde explicar-se, admittindo-se que as antas eram sepulcros ou ossuários.

Trato este ponto com tal desenvolvimento no meu citado livro *Religiões da Lusitania* (no prelo), que não posso tratá-lo agora outra vez. Em todo o caso tomo a liberdade de recommendar ao Sr. P.^o Espanca, pelo menos, a leitura das obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, onde achará exemplos bastantes de antas que continham no seu seio restos de esqueletos humanos.

Este facto não admitte contestação possível.

Se em algumas antas se não acha nada, é porque os terrenos destruíram os ossos (por exemplo os terrenos graníticos), ou porque os curiosos levaram tudo, ou porque se praticou a incineração dos cadáveres.

O Sr. P.^o Espanca creio que nunca explorou anta nenhuma; eu, da minha parte, já explorei algumas em Tras-os-Montes, na Beira e no Alemtejo, conheço tudo o que se tem escripto em Portugal sobre o assumpto, e conheço muitas cousas do que se tem escripto lá fóra: para afirmar o que affirmo fundo-me, pois, em muito boas razões.

*

Em resumo: — os dolmens datam dos tempos *prehistoricos*, e são *monumentos funerarios*; a palavra *anta*, que, com outras, significa *dolmen*, vem do singular de *antae*. Creio que são pontos liquidados.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1896.»

J. L. DE V.

Archeologia Eborensis

Cofre de ferro existente na Secção Archeologica
da Bibliotheca Pública de Evora

Ha annos existia na Repartição de Fazenda de Evora um cofre, ou antes uma arca de ferro batido, que servia para o thesoureiro-pagador do districto arrecadar e guardar valores confiados á sua responsabilidade. A fórma e a construcção d'essa arca não deixavam de chamar